



## SOBRE O RESPEITO À NORMA AO ESCREVER

---

*Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marina Cezar*

---

A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram a um lugar luminoso  
onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em duas metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era totalmente bela.  
E carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

*(Andrade, Carlos Drummond de.)*

Preocupados com a isenção, correção e rapidez da produção de conhecimento, grandes veículos de informação, como O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo, e até mesmo a Wikipédia, têm elaborado manuais<sup>1</sup> com normas e recomendações que norteiam princípios básicos para aquilo que consideram importante um texto: qualidade, credibilidade, clareza, precisão, fluência.

Ainda segundo essas orientações, a escritura deve aproximar-se o máximo possível das construções características do dia a dia, mas devendo ter, entretanto, um cuidado especial com o emprego da norma culta, procurando evitar que “*idiosincrasias em relação à língua se tornem norma.*” (Época, 8 ago. 2011, p.12)

Como a comunidade de fala brasileira se caracteriza pela heterogeneidade, pode o jornalista, ou qualquer outra pessoa, escrever com liberdade dentro de uma norma, sem negar a evolução linguística e as múltiplas possibilidades que a língua acolhe? Obedecer à norma é estar preso em uma camisa de força?

Na verdade, o funcionamento da língua como instrumento de conhecimento e comunicação é assegurado por uma estrutura: o sistema. Ou seja, um conjunto de possibilidades e liberdades que admite infinitas realizações, ou aquilo que ainda não se realizou, mas existe virtualmente, e pode ser criado de acordo com as regras funcionais da língua.

*Se nos é permitida uma analogia, diríamos que o sistema não se impõe ao falante mais do que a tela e as cores se impõem ao pintor: o pintor não pode ultrapassar a tela e não pode empregar cores que não tem, mas, dentro dos limites da tela e no emprego das cores que possui, sua liberdade é absoluta, Poderíamos dizer, pois, que, mais que impor-se ao indivíduo, o sistema se lhe oferece, proporcionando-lhe os meios para a sua expressão inédita, mas ao mesmo tempo, compreensível, para os que utilizam o mesmo sistema. (Coseriu, 1987:74)*

<sup>1</sup> Os chamados manuais de redação e estilo. Apesar de, em 1929, Gilberto Freyre, então diretor do jornal *A Província* (Recife), ter estabelecido orientações sobre como redigir uma notícia, as regras de redação do *Diário Carioca*, em 1950, são consideradas o primeiro manual de redação da imprensa brasileira. ([www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSD/.../715](http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSD/.../715) - acessado em 26 ago 2011).

É no sistema da língua que o trabalho criativo, especialmente o poético, encontra os elementos que possibilitam novas associações, revitalizadoras da língua:

a) sejam associações significativas (as imagens).

*Aquele rio  
era como um cão sem plumas.  
Nada sabia da chuva azul,  
da fonte cor-de-rosa,  
da água do copo de água,  
da água de cântaro,  
dos peixes de água,  
a brisa na água.*

(Melo Neto, João Cabral 1994:105)

Conquanto se saiba que, no mundo extralinguístico, “plumas” não pertence ao conjunto dos cães (mas ao dos pássaros), assim como, no universo empírico, não existe “chuva azul”, e.g., as associações semânticas feitas pelo poeta encontram acolhida no sistema, e não causam estranhamento no interlocutor que, participante ativo do jogo do fazer literário, tem consciência de que a norma, na linguagem literária, é o rompimento (intencional) da norma considerada padrão.

Por isso, alguns estudiosos admitem haver uma norma literária (Coseriu, 1987), e, em sua *Poética*, Manuel Bandeira recomenda:

*Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis.*  
(1986:207)

b) sejam associações formais (as rimas, as assonâncias, as aliteraões, as repetições).

*Boi bem bravo, bate baixo, bota baba,  
boi berrando... Dança doido, dá de duro,  
dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta,  
vem na vara, vai não volta, vai varando...*  
(Rosa, Guimarães, 1994:212).

O valor expressivo, obtido pela sequência das aliteraões (dos fonemas /b/, /d/, /t/, /v/, /r/), e das assonâncias (das vogais nasais /ã/, /ẽ/), usado como recurso de ênfase semântica, marcando as batidas fortes e cadenciadas do ritmo da boiada em movimento, nesse texto, é decorrente também das potencialidades latentes no sistema:



*As ousadias poéticas de um artista podem ser tratadas como violação da norma, permitidas, porém, pelo sistema, ou existentes em estado latente na língua, aguardando apenas o impulso criador de um homem para trazê-los à existência.*

*(Biderman, 2001:20)*

Paralelamente ao emprego poético, há a realização normal, a chamada norma, isto é, elementos que não são únicos ou ocasionais, mas sociais, que se repetem na fala de uma comunidade.

As formas consideradas mais adequadas ou ideais, para a comunicação de determinado grupo social - o “como se diz”, ou “como já se disse”, o que é adequa-

do, ou inadequado, a uma situação comunicativa, são eleitas pela norma (Coseriu, 1987, p.69).

É a norma que limita a capacidade de expressão dos falantes, ao restringir as possibilidades do sistema, segundo imposições sociais, culturais e situacionais, variando de acordo com a comunidade a que os indivíduos pertencem. Enquanto o sistema por natureza é consultivo, a norma é restritiva.

É por isso que formas como “Houveram problemas naquela ocasião.”, (em lugar de *houve* problemas...); “O presidente terá a escolta de agentes da PF e motociclistas do exército.” (em vez de ... *motociclistas* do exército.); “O governo liberará novos financiamentos à medida em que cheguem novos pedidos.” (e não ... *à medida que* cheguem novos pedidos.) são rejeitadas.

Não se pode esquecer, no entanto, que em todo ato

linguístico, e não só na ficção ou na poesia, coexistem um ato de criação, por ser inédito, e um ato de “re-criação”, por se estruturar sobre modelos anteriores, já que a condição essencial da linguagem é a comunicação:

*É assim a linguagem uma atividade sujeita a regras que dependem, em grande parte, de restrições impostas pelo material sonoro de que se serve, em outra parte, certamente, de condições genéticas mas, no mais relevante e importante, se constituem como uma “práxis”. Por outro lado, é ainda na interação social, condição de desenvolvimento da linguagem, que o sujeito se apropria desse sistema linguístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos linguísticos sistêmicos de que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e aos outros como interlocutores. Por isso, essa atividade do sujeito não é*

*somente uma atividade que reproduz, ativa esquemas prévios: é, em cada momento, um trabalho de reconstrução. (Franchi, 1987:12)*

A atividade verbal, assim, não é uma invenção arbitrária do falante, pois o indivíduo realiza concretamente em seu falar aquilo que já foi dito em sua comunidade (Coseriu, 1987:72).

O fato é que ao lado de uma norma geral, comum (nacional), existem as normas regionais ou as normas de grupos minoritários, que constituem a rede social de uma determinada comunidade.

Qualquer pessoa, ao escrever, tem de respeitar uma determinada norma, um conceito geral, próprio de qualquer grupo social. Ela tem de se apossar das multifacetadas virtualidades existentes na língua, sem, entretanto, se deixar acorrentar por normas prescritivas arbitrárias (presentes inclusive nos manuais de redação) que acabam por engessar o ato linguístico, tornando-o artificial.

## **BIBLIOGRAFIA**

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1986.

BIDERMAN, Maria Tereza C. Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSERIU, Eugenio. Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. Trabalhos em linguística aplicada. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, n. 9, p-5-45, 1987.

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, Guimarães. Ficção completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1994.